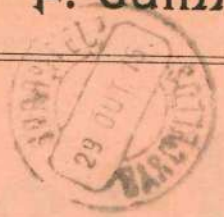


D. Ferreira e

F. Guimarães

3



# Alerta

(2.<sup>a</sup> SÉRIE)



PUBLICAÇÃO SEMANAL DE CRITICA POLITICA

N.º 3--1915



EDIÇÃO DOS AUTORES

Campo de S. José—BARCELON

D. F. F. F. F.

F. F. F. F. F.

# Alerta

1ª SÉRIE

PUBLICAÇÃO SEMANAL DE CRÍTICA POLITICA

N.º 1-1917

EDIÇÃO DOS AUTORES

Campo de S. José - BARCELONA

D. Ferreira e

F. Guimarães

C.M.B.  
Biblioteca

---

---

# Alerta

2.<sup>a</sup> SÉRIE

---

---

ANALISE À POLITICA ACTUAL

---

---

SUMARIO :

- REGISTO CIVIL—As causas da antipatia do povo per este novo tributo. Exágero de emolumentos. A solução a este mal.
- CLERO—O seu valor intelectual. A sua accção nula como elemento da nossa sociedade. ○ Estado deve retirar-lhe a pensão.

103

---

---

PREÇO, 2 CENTAVOS (20 RÉIS)

---

---

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA DE "O COMERCIO DA POVOA DE VARZIM"  
Santos Graça & Frasco.

C. M. B.  
BIBLIOTECA

C. M.  
BARCELOS  
BIBLIOTECA  
3553

D. Ferreira e  
F. Guimarães

# Alerta

2.ª SÉRIE

ANÁLISE À POLITICA ACTUAL

## SUMARIO:

○ REGISTO CIVIL—As causas da nullidade do povo por este novo tratado. Exigência de emendamentos. A solução a este mal.  
○ CLERO—O seu valor intelectual. A sua acção não como elemento da nossa sociedade. O Estado deve retirar-lhe a pensão.

PREÇO 2 CENTAVOS (20 RÉIS)

Q. M. B.  
BIBLIOTECA

Composto e impresso na  
"TIPOGRAPHIA DE "O COMERCIO DO RIO DE JANEIRO"  
Santos Guerra & Franco



## ○ registo civil

---

O registo civil entre nós é caro.

Devia ser gratis. Visto o Estado não o poder fazer por falta de dinheiro, ao menos que o torne mais suave na sua applicação monetaria. Toda a gente o recebeu de braços abertos, na illusoria expectativa que oferecesse uma tabela de preços razoaveis. Pelo contrario, com a promulgação do registo civil, tratou-se unicamente de anichar afilhados. Foi mais uma nova colocação que surgiu no horisonte da malfadada politica portu-guêsa para satisfação da chusma de aspirantes a mangas d'alpaca. Não se olhou para os interesses do país. O que a governança publica fez sem delongas foi criar partido e adeptos á sombra dos elevados emolumentos que esportula a sacrificada bolsa do contribuinte para a manu-

tenção do registo civil. Sob o decrepito regimen monarchico existiam pingues abadias que punham a cabeça dos politicos de então a juro quando se dava uma vaga. Agora sómente mudaram de rotulo. Os conservadores do registo civil de Lisboa e Porto, não passam duns anafados abades que se refastelam comodamente com chorudos lugares. Foi o El-dorado que lhes appareceu em troca de algumas ligeiras horas dum labôr futil. O que fazem?

Encher espaços em branco nuns quadrados de papel! Dispendio de trabalho material, como se vê, pouco é. Simplesmente, quando muito, escrevinhar a assinatura individual. Locubrações intellectuais nenhuma.

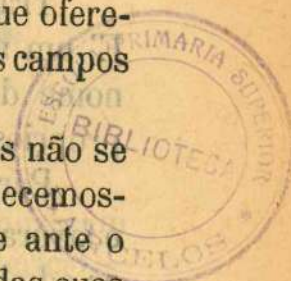
Além destes, pelas provincias alguns auferem proventos fabulosos. Em compensação haos que se fossem a viver do magro rendimento que lhes dá o emprego pereceriam á fome. Esta desigualdade é iniqua, vexatoria. A fixação de ordenado é uma necessidade.

Os de Lisbôa e Porto não devem ter ordenado superior a um conto e duzentos mil reis anuais e os restantes officiaes do registo setecentos e vinte mil reis. Os emolumentos, por sua

vez, têm de baixar e o publico lucrará alguma coisa na sua já tão depauperada algibeira.

As leis da Republica devem ter por norma o espirito da maxima protecção ás classes trabalhadoras. O menor dispendio para os que oferecem o seu sangue bemdito, no amanho dos campos e na laboração da industria nacional.

O serviço do registo civil entre nós não se póde dizer que seja impecavel. Reconhecemos-lhe, mesmo assim, a sua superioridade ante o desleixo dos parocos no desempenho das suas funções: assentos de baptismo, casamentos e serviço obituario, que era uma amalgama de datas erradas e nomes tolamente truncados. A rêde dos postos rurais deve ser mais vasta, de forma a evitar a canceira e despeza que em muitas comarcas assoberba o contribuinte. Vir de longe, quatro e mais leguas, á séde do concelho para satisfazer um dever que lhe impõe a lei é barbaro. E depois um pequeno atrazo na caminhada leva-o ás vezes a deparar com a repartição prestes a fechar e d'aí o ser recebido bruscamente pelo pessoal, com um *viessse a tempo*. O defeito não é de hoje. E' uma das peores heranças que nos legou o regimen deposto: a insolencia.



No geral, nas nossas repartições publicas não se atende com delicadeza o humilde cidadão que concorre com a sua amargurada quota para o engrandecimento patrio.

Tratam-no como a um desprezível escravo. E' um mal que é preciso desaparecer para bom nome do regimen republicano e interesse dos proprios funcionarios que o serve.

Para a reforma do registo civil ser completa e favoravel ao publico, seria a sua passagem para as administrações do concelho.

Nas aldeias, a troco duma pequena gratificação, seriam os encarregados dos postos, os respectivos professores.

A nossa forma de ver não terá o apoio dos profissionais da politica. Vai ferir interesses e acarretar a perda de votos para o governo que ousasse pôr em pratica esta desejada medida de economia.

E' a resposta fatal dos que fazem descaradamente da politica um commercio degradante. A vontade nacional nada significa. Esta que continue agrilhoada á dura contribuição do registo civil.

**D. F.**





## O CLERO

---

As passadas incursões monarquicas puzeram em relevo, em clara evidencia, a classe clerical — classe que pelo seu proceder moral de sempre ha muito merecera ser notada com cuidado. Na organisação social do nosso país essa classe destaca-se pela sua autoridade imperiosa e pela sua incapacidade intelectual fartamente demonstrada. Ordem e disciplina, bom senso e moral, são virtudes ignoradas por essa classe. Da sua existencia, de ha seculos, nada ha que se aproveite. O clero vive unicamente para os seus interesses materiais alimentando com todo o seu poder espiritual o embrutecimento popular. A literatura por êle produzida é balofa de ideias, rica de palavras amontoadas com larga paciencia de espirito, sem uma base scientifica que a imponha como util. Essa literatura imensa que enche as livrarias dos países catolicos consiste na apologia exagerada e por ve-

zes ridicula das suas divindades, dos seus milagres inconcebiveis, da proverbial santidade dos seus apóstolos, da infalibilidade dos seus concilios e da incontestação dos seus dogmas.

A sua literatura oratoria, conhecida pela feição que lhe imprimem, acentuadamente pausada, cheia de adverbios, sem imagens de valor, sem uma harmonia que lhe dê um caracter estetico e suave, merece o conceito benevolente de uma oratoria estacionaria e pobre só applicavel aos povos incultos e rudes de ha dois seculos. O concurso prestado pelo clero na civilisação nacional tem sido claramente prejudicial ou absolutamente nullo. A instrução não lhe merece o mais pequeno valor. O clero paroquial, que podia tornar-se util dedicando-se ao trabalho de instruir, nas primeiras letras, o povo analfabeto que enche as suas paróquias, procede exactamente de modo contrario, inculcando, no espirito rebelde ao estudo e pouco propenso ao raciocinio do lavrador e do operario, a mais completa hostilidade aos principios de instrução, de sabedoria civica e conhecimentos de progresso.

Nesta situação se mantem o clero ha muitos seculos sem probabilidades de emendar a sua conduta.

Da colaboração por êle concedida ao socego e paz nacional, tem dado provas evidentissimas de que lhe é intransigentemente adversa.

Da desordem moral vive e assim quer morrer.  
Instrução e ordem não conyem ao nosso clero.  
Da pouca ou nenhuma instrução do povo sai o engrandecimento do poder espiritual, a sua enorme supremacia de influencia, exercida abusivamente em todos os actos publicos e particulares da nossa gente ingenua e fraca. A sua missão sacerdotal foi torcida como um vime e adaptada aos interesses morais e financeiros da classe e da igreja.

Passando uma rapida vista por sobre a nossa historia patria encontra-se sempre a sugestão clerical a entrar as fazes mais importantes da vida do país e a fomentar os erros que tem dificultado a nossa administração publica, a tolher o nosso ensino universitario, a divulgação de escolas, reprimindo o florescimento das artes e anatemiando a boa literatura com o stigma de contraria á doutrina catolica. A importantissima verba que o Estado dispendia com essa classe, durante muitos seculos, representa uma colossal fortuna.

No ultimo periodo da monarchia o clero custava anualmente aos cofres do Estado quatrocentos e vinte e seis contos, seiscentos e cinquenta mil, quatrocentos e setenta e nove reis!

Este dinheiro ia dourar as existencias faustosas do alto clero, que exhibia a sua opulencia quasi regia em banquetes magnificos, em belos palacios,

em vistosas carruagens, em deslumbrantes festas familiares.

Seguindo o exemplo dos altos magnates da igreja o baixo clero engordava assombrosamente, tornando-se o *dono* do infeliz e submisso paroquiano, comendo-lhe os lombos do porco, razas de feijão, metade da fruta que o seu incansavel trabalho agricola fazia produzir, as melhores aves que possuia, a moeda de cinco tostões na pascoa, a consoada no natal e bebendo-lhe metade da boa colheita de vinho que o esforço do seu braço e o vigor da terra concebera.

Ainda não contente com as dotações, congruas e subsidios que o Estado e os particulares lhe davam, ainda importunava o homem do campo, o trabalhador, o operario, pedindo a esmola para a ostentação do culto catolico, para alimentação da colectividade «As Filhas de Maria», para a publicação do boletim religioso e mil outras invenções que a imaginação vasta e isenta de preocupações do nosso padre facilmente criava.

Desta situação resultou para toda a gente o convencimento que o clero é uma classe inutil sempre e prejudicial muitas vezes no meio de um povo. Que a sua acção se limitasse ao florescimento do culto religioso interno — admitia-se. Mas que a sua actividade se dedicasse ao facto de dirigir movimentos politicos, de originar tumultos publicos, de estabelecer intrigas entre pessoas

da mesma familia, de explorar o povo com dizimos e mais contribuições, de concorrer para o estacionamento da instrução — é evidentemente um crime, um acto de revoltante reacionarismo. O clero é, pois uma classe a mais no nosso país. Dê-se-lhe liberdade absoluta dentro da sua igreja mas tirem-lhe a protecção do Estado. As centenas de contos de reis que essa classe nos tem custado é muito mais importante, mais consideravel que o valor dos chamados bens da igreja que o Estado tomou posse. O Estado não pôde subsidiar entidades que trabalham para a sua ruina, para a deposição da sua autonomia nacional.

**F. G.**

de mesma família, he explorar o povo com di-  
• os e mais contrivedões, de concertar para o  
estacionamento da indústria — e evidentemente  
um crime, um acto de revoltante reactionismo.  
O crime é, pois, uma classe e mais no mesmo país.  
De-se-lhe liberdade absoluta dentro da sua igreja  
mas tem-lhe a proteção do Estado. As cate-  
tas de contos de reis que essa classe nos tem en-  
tado é muito mais importante, mais consideravel  
que o valor dos chamados bens da igreja que o  
Estado tomou posse. O Estado não pôde subsistir  
entidades que limitam para a sua ruina, para  
o deposito da sua autonomia nacional.

F. G.

1870



1  
 2  
 3  
 4  
 5  
 6  
 7  
 8  
 9  
 10  
 11  
 12  
 13  
 14  
 15  
 16  
 17  
 18  
 19  
 20  
 21  
 22  
 23  
 24  
 25  
 26  
 27  
 28  
 29  
 30  
 31  
 32  
 33  
 34  
 35  
 36  
 37  
 38  
 39  
 40  
 41  
 42  
 43  
 44  
 45  
 46  
 47  
 48  
 49  
 50  
 51  
 52  
 53  
 54  
 55  
 56  
 57  
 58  
 59  
 60  
 61  
 62  
 63  
 64  
 65  
 66  
 67  
 68  
 69  
 70  
 71  
 72  
 73  
 74  
 75  
 76  
 77  
 78  
 79  
 80  
 81  
 82  
 83  
 84  
 85  
 86  
 87  
 88  
 89  
 90  
 91  
 92  
 93  
 94  
 95  
 96  
 97  
 98  
 99  
 100

1  
 2  
 3  
 4  
 5  
 6  
 7  
 8  
 9  
 10  
 11  
 12  
 13  
 14  
 15  
 16  
 17  
 18  
 19  
 20  
 21  
 22  
 23  
 24  
 25  
 26  
 27  
 28  
 29  
 30  
 31  
 32  
 33  
 34  
 35  
 36  
 37  
 38  
 39  
 40  
 41  
 42  
 43  
 44  
 45  
 46  
 47  
 48  
 49  
 50  
 51  
 52  
 53  
 54  
 55  
 56  
 57  
 58  
 59  
 60  
 61  
 62  
 63  
 64  
 65  
 66  
 67  
 68  
 69  
 70  
 71  
 72  
 73  
 74  
 75  
 76  
 77  
 78  
 79  
 80  
 81  
 82  
 83  
 84  
 85  
 86  
 87  
 88  
 89  
 90  
 91  
 92  
 93  
 94  
 95  
 96  
 97  
 98  
 99  
 100

C.M.B.  
Biblioteca



Ch. Lindbergh

John Swann

Pharmacia in August

Parcells

